TRABALHO DE CAMPO: LINGUAGEM PRODUTORA DE SABERES E ARTICULAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E GEOGRÁFICAS

FIELDWORK: LANGUAGE THAT PRODUCES KNOWLEDGE AND ARTICULATION OF PEDAGOGICAL AND GEOGRAPHICAL PRACTICES

TRABAJO DE CAMPO: LENGUAJE PRODUCTOR DE SABERES Y ARTICULACIÓN DE PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS Y GEOGRÁFICAS

LIGIA BEATRIZ GOULART

Faculdade Cenecista de Osório (RS). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: goulartlb@hotmail.com

MARCIO FENILI ANTUNES

Faculdade Cenecista de Osório (RS). Colégio Militar de Porto Alegre (RS). E-mail: marciofeniliantunes@gmail.com

* Artigo publicado em março de 2017.

Resumo: Os trabalhos de campo são, desde longa data, instrumentos de pesquisa dos profissionais da geografia. Por meio deles, os geógrafos de diferentes filiações teóricas têm encontrado possibilidades de ampliar, confrontar e desenvolver estudos sobre a organização dos espaços. A proposta deste artigo é examinar o trabalho de campo como possibilidade de aprendizagem que articula vivências, saberes e conceitos geográficos para a leitura do espaço, tomando-se como base o conceito de lugar de Doreen Massey. A escolha do conceito de lugar mobiliza o sujeito, afetando-o a partir das relações estabelecidas com o espaço nas saídas a campo. Além de lúdicas e interessantes, elas refletem sentimentos, valores e conhecimentos prévios. Para tanto, são apresentadas propostas nas quais as representações dos lugares são analisadas a partir de fotografias, permitindo examinar aspectos das representações produzidas pelos alunos, e favorecendo, assim, a apropriação de novos conceitos e a ampliação da compreensão do espaço geográfico.

Palavras-chaves: trabalho de campo, lugar, interesse, aprendizagem, representações.

Abstract: Fieldwork has been a research tool for professionals of geography for a long time. Through it, geographers of different theoretical traditions have found the possibility of expanding, confronting and developing studies on the organization of spaces. This text aims to examine fieldwork as a possibility of learning which articulates experiences, knowledge and geographical concepts to the reading of space, based on Doreen Massey's concept of place. The choice of the concept of place mobilizes the subject, affecting him through the relationships established with the space in the field outing. Besides being entertaining and interesting, field outing reflects feelings, values and prior knowledge. For that, proposals in which the representations of places are analyzed from photographs are presented, allowing teachers to examine aspects of the representations produced by the students and thus fostering the appropriation of new concepts and the expanding of the understanding of geographical space.

Keywords: fieldwork, place, interest, learning, representations.

Resumen: Los trabajos de campo son, desde hace mucho tiempo, un instrumento de investigación de los profesionales de geografía. Por su medio, los geógrafos de distintas filiaciones teóricas han hallado la posibilidad de ampliar, confrontar y desarrollar estudios sobre la organización de los espacios. La propuesta de este texto es la de examinar el trabajo de campo como posibilidad de aprendizaje que articula vivencias, saberes y conceptos geográficos para la lectura del espacio, tomando como base el concepto de lugar de Doreen Massey. La elección del concepto de lugar moviliza al sujeto, afectándolo a partir de las relaciones establecidas con el espacio en las salidas de campo. Además de lúdicas e interesantes, reflejan sentimientos, valores y conocimientos previos. Para ello, se presentan propuestas en las que las representaciones de los lugares se analizan a partir de fotografías, permitiendo examinar aspectos de las representaciones producidas por los alumnos. Favorecen, por lo tanto, la apropiación de nuevos conceptos y la ampliación de la comprensión del espacio geográfico.

Palabras clave: trabajo de campo, lugar, interés, aprendizaje, representaciones.

INTRODUÇÃO

Os trabalhos de campo[1] são, desde longa data, instrumentos de pesquisa dos profissionais da geografia. Por meio deles, os geógrafos de diferentes filiações teóricas têm encontrado possibilidade de ampliar, confrontar e desenvolver estudos sobre a organização dos espaços. Delgado de Carvalho (1941) referia-se à importância dos trabalhos de campo, aos quais chamava de "excursão geográfica". Segundo ele, o contato direto com a natureza já seria suficiente para desencadear o processo de aprendizagem. Para este autor, o "geógrafo-estudante" deveria ser capaz de apreciar e observar as paisagens e perceber o seu significado a partir dos objetos visíveis. Ele se referia à necessidade de os estudantes tornarem-se "viajantes-inteligentes". Nesse sentido, chamava a atenção para o papel do trabalho de campo como mobilizador do interesse dos estudantes:

> Se cada unidade de trabalho, em geografia, pudesse ser precedida de uma excursão, adequada à matéria em vista, e ser concluída com outra excursão de fixação e revisão, tenho certeza de que o curso de geografia seria um sucesso (CARVALHO, 1941: 187).

No ensino de geografia, o trabalho de campo também tem servido como um importante aliado dos professores. Ainda que tenha sido muito usado nas pesquisas de geografia, é visto com certo preconceito, mesmo na universidade. Associada, normalmente, a lazer, passeio e/ou viagem, esta atividade é desconsiderada como prática indutora de ensino, pesquisa e aprendizagem. Aprender, tradicionalmente, está relacionado a práticas conservadoras, mesmo que os escritos e os discursos afirmem o contrário e reafirmem a necessidade de mudança nas concepções de ensinar e aprender.

[1] Entendemos que há distinção entre "trabalho de campo" e "saída a campo". Esta última se caracteriza por uma visita a um determinado local, nem sempre incluindo as etapas de planejamento, execução e avaliação que compõem o trabalho de campo.

É fato que, ao programar um trabalho de campo, o professor sempre ouça brincadeiras e insinuações sobre as "facilidades" que este tipo de prática proporciona. Nesse sentido, são destacadas a ausência de planejamento, a liberação das aulas e a "folga", entre tantas outras "qualidades" que esta ação desencadeia. Destarte, a negação da validade do trabalho de campo entre os professores – mesmo entre os professores de geografia – parece estar relacionada à ideia já ultrapassada (mas que muitos profissionais ainda guardam) de uma geografia que se encaixa no que Lacoste (1988) classificava como "geografia-espetáculo". Considera-se o trabalho de campo como um "passeio" que possibilita aos estudantes observar a paisagem, entendida esta como um retrato que reforça a descrição que o professor realiza em sala de aula. Esta é uma noção compartilhada, infelizmente, por diretores e supervisores de escolas.

Numa passagem recente de nossa experiência, ao propormos um trabalho de campo, fomos indagados pelo coordenador pedagógico sobre a validade de tal empreendimento, relativamente caro, trabalhoso e muito questionável. Segundo ele, todos os lugares a serem visitados poderiam ser visualizados por meio de imagens da Internet e, principalmente, por meio de imagens de *softwares* como o Google Earth. Ele teria total razão, se nossa proposta fosse simplesmente observar a paisagem, pois estaria se referindo ao conceito de paisagem do senso comum.

A proposta deste artigo é examinar o trabalho de campo como possibilidade de aprendizagem que articula vivências, saberes e conceitos geográficos para a leitura do espaço, tomando-se como base o conceito de lugar de Doreen Massey. Para tanto, serão apresentadas propostas nas quais as representações dos lugares foram analisadas a partir de fotografias.

Aprendizagem que articula vivências, saberes empíricos e conceitos geográficos

O trabalho de campo se reveste de significado pedagógico, porque se constitui numa linguagem que articula as vivências, os saberes empíricos e os conceitos geográficos a partir de práticas pedagógicas.

Ao se referirem sobre o papel do trabalho de campo no contexto da educação contemporânea, Goulart e Antunes chamaram a atenção para as suas características no que diz respeito a atender as necessidades de uma aprendizagem contextualizada:

> As propostas metodológicas que refletem as necessidades do século XXI, como as que incluem o Trabalho de Campo, não são novidade, pois já vinham sendo esboçadas desde o início do século XX, especialmente no que se refere às concepções de aprender. Freneit (1896-1966), por exemplo, destacava a pesquisa do meio, o tateamento experimental e as propostas que nasciam da realidade como essenciais para uma efetiva aprendizagem reflexiva. Para ele, as atividades que emergiam das vivências em primeira mão eram fundamentais para que os alunos aprendessem (GOULART E ANTUNES, 2013: 127).

Em contato com os diferentes espaços, os estudantes têm a oportunidade de observar, investigar e produzir novas aprendizagens. Nesse sentido, percebem o lugar no mundo e o mundo que nele está impregnado, constroem novos olhares, ressignificam as leituras e ampliam a compreensão dos espaços que os cercam.

Massey (2008) entende o lugar como um determinado espaço aberto, cujo significado se define a partir das integrações de espaço e tempo, introduzindo aí o conceito de eventualidades espaço-temporais. Para ela, o lugar é um

> tecer de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada... (MASSEY, 2008: 191).

As práticas pedagógicas desenvolvidas em trabalhos de campo criam condições para a produção de lugares, ou seja, ao colocar estudantes e professores num mesmo momento e num

mesmo espaço, vislumbra-se o que Massey chamou de eventualidade. Imagine um grupo de pessoas à beira de um rio que atravessa uma cidade. O significado que este lugar assume para todos, como coletividade, e para cada um, como sujeito, resulta do entrecruzamento de experiências coletivas e individuais, bem como do universo conceitual prévio. Somente com isto já se pode perceber a diversidade de compreensões e leituras que este lugar permite. Aliem-se a essas condições as dinâmicas físicas, sociais e culturais que constroem as coisas, as dissolvem e as reconstroem, num movimento incessante e permanente. Também cada coisa e cada dinâmica podem ser percebidas sob diferentes pontos de vista e dimensões. Por exemplo, o rio referido anteriormente pode ser compreendido ora como um ponto de lazer para a população do bairro vizinho, ora como uma via de transporte de mercadorias que liga dois pontos de uma vasta região (e, neste caso, de grande importância para companhias privadas de navegação). Este mesmo rio é, para muitos, um obstáculo que dificulta a expansão imobiliária ou o simples deslocamento a pé dos moradores locais. E, se pensarmos nas questões ambientais, o assoreamento e os resíduos sólidos e líquidos podem implicar em transformações que alteram as dinâmicas de interação da população em qualquer uma das atividades já mencionadas.

Imaginem a situação daquele grupo de pessoas observando o rio, em todas as suas possibilidades e compreensões. Trata-se de um momento singular que não se repete, mesmo que a visita ao local ocorra mais de uma vez. Da mesma forma, a sua casa nunca é a mesma. Ao sair, você deixa para trás um lugar para o qual não retornará jamais, pois, ao seu regresso, ela será sempre outra casa, outro lugar, diferente daquele que você deixou. Isto significa que os lugares são dinâmicos e resultantes de múltiplas interações.

> "Aqui" é onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas e trajetórias que têm suas próprias temporalidades. Mas onde as sucessões de

> encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história. São os retornos (o meu, os dos pássaros) e a própria diferenciação de temporalidade que proporcionam continuidade. Mas os retornos são sempre para um lugar que se transformou. As camadas de nosso encontro as interceptando e afetando um ao outro, a tessitura de um processo de espaço-tempo (MASSEY, 2008: 202).

Nesse sentido, os trabalhos de campo podem ser realizados várias vezes num mesmo local. Nunca vamos para os mesmos lugares, não só porque as pessoas são outras, mas porque os lugares também são outros e revelam novas características, novas singularidades que precisam ser apropriadas e ressignificadas para ampliar as leituras de mundo. São estas leituras que favorecem a compreensão da complexidade do espaço geográfico. É esta condição que favorece a construção, a ampliação e a transformação dos conceitos geográficos.

A leitura do lugar e a apreensão do mundo

As representações que os sujeitos constroem a partir dos diferentes espaços produzem os lugares. Para que este processo se efetive, é necessária a vinculação dos sujeitos com o local, o que acontece a partir dos sentidos. Portanto, o tato, a audição, o olfato, a visão e o paladar são sentidos que produzem sensações e percepções que, associadas às experiências (espaço vivido) e também às memórias, são relevantes para compor os lugares.

Os trabalhos de campo oportunizam o contato direto com o espaço e sua complexidade, e, neste estar, formar vínculos. O geógrafo é o sujeito que olha o espaço e busca decifrar sua complexidade a partir da leitura dos signos presentes nele. Para Deleuze,

> aprender diz respeito essencialmente aos *signos.* Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja "egiptólogo" de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se

> sensível aos signos da doença. (...). Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (DELEUZE, 2003: 4).

Desvendar o mundo nos encontros das saídas a campo pode ser como ir ao Egito e revelar os segredos das pirâmides. Porém, estes segredos revelados são sempre a versão do egiptólogo que os descobriu. Quais seriam as revelações se outros especialistas as encontrassem? Com certeza, entender de hieróglifos foi fundamental para as leituras que estes cientistas fizeram das pirâmides. E o mundo, como se revela para a geografia?

Suertegaray (2002, p. 3), ao referir o papel dos trabalhos de campo, colocou: "O campo é nosso espaço de vida que se apresenta como um texto carregado de signos que precisam ser desvendados". Para a geografia, o mundo se revela a partir da leitura dos signos. Estar num lugar significa colocar-se em situação de apreender os signos ali presentes. Retomando a afirmação de Suertegaray, quando esta afirmou que o campo é um texto, diríamos que a paisagem do lugar é o texto da geografia. Por isso, a leitura do lugar envolve os conhecimentos produzidos nas práticas de sala de aula articulados a novas experiências que o viver o lugar proporcionam. Para tanto, é fundamental aliar ao senso comum os conhecimentos geográficos que permitem transformar o empírico em científico.

Destaca-se, assim, que a produção dos conhecimentos pressupõe envolvimento com o aprender e estar mobilizado para descobrir no campo as explicações científicas para os fenômenos ali presentes. O desafio do professor é afetar os estudantes para que busquem na paisagem os signos que a revelem, e, assim, "geografar". Por isso, o discurso deve valorizar o todo e as particularidades, considerando as experiências de cada um, no sentido da apreensão dos contextos.

Nem sempre os signos são facilmente identificados por todos, haja vista serem construídos na interação das pessoas com o ambiente dentro de contextos sociais. Cabe ao professor aproveitar-se do senso comum e das experiências de vida dos estudantes para veicular significados e valores da ciência. Pois, neste processo, construirão novos significados, produzirão e/ou ampliarão leituras do lugar.

O trabalho de campo como possibilidade de apreender o mundo a partir das lentes da geografia favorece a construção de novas representações, porque confronta os conceitos geográficos já construídos com as observações *in loco*, favorecendo a compreensão da organização espacial.

Práticas pedagógicas em trabalhos de campo

Os trabalhos de campo são atividades que contemplam diferentes práticas pedagógicas, tais como aquelas realizadas em sala de aula mobilizando os alunos, organizando, planejando e desenvolvendo temáticas geográficas relacionadas aos lugares, bem como as saídas ao campo e suas posteriores avaliações. Ainda que a saída a campo possa ser vista como uma exemplificação do que foi discutido em sala de aula, é fundamental frisar que esta é apenas uma etapa, muito importante. Este artigo se propõe, pois, a refletir sobre as possibilidades de práticas pedagógicas que envolvam a observação e a representação, utilizando-se de imagens/fotografias.

O desenvolvimento da prática que utiliza fotografias se inicia pela escolha do lugar a ser visitado. Esta escolha respeita interesses e curiosidades dos alunos sem desconsiderar os objetivos do professor. Se todo lugar – ou, como observou Santos (1996), "todo objeto" – contém o mundo, também qualquer lugar presente nas representações individuais ou coletivas pode ser objeto de estudo da geografia. Assim, uma das maneiras de se iniciar o processo é convidar os alunos para elaborarem mapas

mentais.[2] Tais mapas oportunizam identificar que signos estão presentes nas diversas representações individuais.

Na continuidade desta proposta, encaminha-se a socialização das representações individuais no sentido de possibilitar o compartilhamento e a análise dos mapas produzidos. Este momento favorece a busca de novas informações que ampliem a compreensão dos espaços representados e a definição coletiva do lugar a ser visitado.

A etapa seguinte será o planejamento das ações a serem efetivadas no trabalho de campo, tanto do ponto de vista administrativo[3] quanto do pedagógico. Se a proposta for entender o espaço geográfico a partir do lugar, é fundamental que os alunos "mergulhem" naquele contexto, uma vez que são os sentidos que estreitam os vínculos dos sujeitos com o lugar, constituindo-o. Neste processo, o sentido da visão se reveste de importância, para a geografia, à medida que favorece a observação. Portanto, a fotografia é recurso destacado para se representar o lugar.

A fotografia captura o lugar, ainda que o fotógrafo tenha direcionado a lente para a paisagem. No momento em que o fotógrafo escolhe o que fotografar, está definindo um recorte de um lugar singular, relacionado às suas subjetividades, aos signos que o afetam e o produzem como sujeito. As fotografias de uma mesma paisagem nunca são exatamente iguais, ainda que pareçam assim. Isto acontece porque os lugares dos fotógrafos são diferentes. Como a fotografia é seletiva, ela própria revela um pouco – ou muito – da carga cultural/conceitual do sistema de valores que compõe a subjetividade do autor. Nesse processo, as interações produzidas

[2] Os mapas mentais podem ser entendidos como uma linguagem referendada no sistema de relações em que estão imbricados valores, sentimentos, atitudes e vivências expressos em imagens que representam o espaço vivido (KOZEL, S. XVI ENG, Porto Alegre: AGB, 2010).

[3] Planejamento do roteiro, levantamento dos custos, logística, solicitações e autorizações para efetivar o deslocamento.

pela relação do sujeito com o espaço orientam os olhares materializados nos recortes da fotografia. Nos objetos fotografados (natureza e sociedade), estão presentes também as representações temporais, que interferem na constituição dos lugares. Massey (2008) remeteu a esta ideia quando conceituou o lugar como "eventualidade", ou seja, um evento único (tempo/espaço/sujeito).

As práticas de constituir e ler os lugares ...

A proposta pedagógica se consolida com as atividades práticas que permitem constituir os lugares e fazer a sua leitura. Assim, a etapa seguinte será a saída a campo. A visita ao local definido deverá prever a disponibilização de tempo para que os estudantes observem, interajam com o espaço e realizem livremente registros fotográficos.

Esses registros exigem esforço de seletividade. A escolha do fotógrafo encerra a sua visão de mundo na medida em que reflete seus conhecimentos, experiências e vivências. No entanto, esta visão não é isenta das pressões do contexto local e da sensibilidade desperta no sujeito pela sua imersão no lugar. O sujeito sempre é parte do lugar, e o lugar é parte dele, ou um e outro se constituem dialética e mutuamente a partir de processos de interação que se dão a cada instante. A perspectiva do fotógrafo revela, em primeiro plano, aqueles objetos que ele considera significativos assim como, dentro do tempo que lhe é destinado, permite produzir imagens que representem o seu ponto de vista, ou seja, o seu conceito de lugar.

A técnica de fotografar (a observação da luz, do tempo de exposição, da cor, do brilho, do matiz, do ângulo etc.) depende das características do equipamento utilizado e da habilidade do fotógrafo. A multiplicidade de olhares e sua representação por intermédio da fotografia só podem acontecer na medida em que os estudantes tenham domínio sobre a máquina. Fora deste contexto, há uma tendência bastante óbvia de que as fotografias produzidas não fujam do padrão convencional, que poderíamos chamar de

"olhar típico da sociedade". Isto ocorre porque as máquinas fotográficas são produzidas para atender as expectativas de uma grande massa de pessoas, sendo eficientes em produzir ótimas imagens com o mínimo de esforço. Para fugir do olhar impregnado do senso comum, ousar olhar de outra maneira e apresentar o seu próprio modo de ver, faz-se necessário conhecimento técnico sobre a máquina fotográfica. Considerando isto, é interessante o professor realizar com os alunos oficinas de fotografia (se não com fotógrafos profissionais, pelo menos com conhecedores do assunto).

Os registros, assim, contemplarão, no mínimo, dois aspectos interessantes, ambos com potencial para a discussão geográfica: a perspectiva do fotógrafo e a técnica fotográfica. As fotografias que seguem refletem o olhar de diferentes alunos sobre o mesmo espaço. É possível observar que elas denotam perspectivas variadas e, portanto, retratam eventos e constituem lugares singulares.



Fotografia 1: Morro da Borússia – Osório/RS.



Fotografia 2: Morro da Borússia – Osório/RS.



Fotografia 3: Morro da Borússia – Osório/RS.



Fotografia 4: Morro da Borússia – Osório/RS.

Os conceitos geográficos nas fotografias: a representação das espacializações

As fotografias produzidas pelos alunos durante a saída a campo formaram um conjunto significativo de elementos para análise geográfica do lugar. Inicialmente, foram realizadas exposições em que os autores foram convidados a explicar o que haviam fotografado. Suas observações refletiam um olhar carregado de ideias do senso comum e subjetividades. Por exemplo, na fotografia 1, destaca-se o frigorífico em primeiro plano, dado que esta indústria desempenha um papel importante na economia regional por empregar significativo número de pessoas. Outro aluno retratou, na fotografia 2, a fachada de um restaurante temático inspirado nos armazéns coloniais. Um terceiro aluno escolheu representar, na fotografia 3, os contrastes temporais presentes nos objetos e as marcas da natureza no espaço. Já na fotografia 4, houve uma preocupação com o potencial turístico. As falas dos alunos evidenciaram os lugares constituídos durante a saída a campo, cujos recortes foram destacados nas fotografias.

Cada uma das fotografias, na etapa seguinte, foi analisada a partir do olhar geográfico. Isto significou um aprofundamento da temática do lugar, agora revelado em sua complexidade. A riqueza desta proposta está em permitir analisar os diferentes olhares e produzir conhecimentos (focados nos interesses dos alunos) que ampliem a leitura do espaço geográfico. Como são espaços que se constituíram em lugares, têm um vínculo com os sujeitos e, portanto, são mobilizadores de aprendizagem.

Então, nessa etapa, o professor discutirá com os alunos as fotografias, destacando os conceitos e fenômenos que explicam as relações produzidas naquele espaço. A escolha da abordagem deve refletir o respeito aos interesses dos alunos, expresso nas peculiaridades retratadas pelo aluno/fotógrafo. Na fotografia 1, pode-se abordar o processo produtivo, as relações de trabalho, o papel daquela indústria na comunidade. A fotografia 2 remete ao estudo de diferentes períodos técnicos vividos pela sociedade, representados pelos objetos que decoram a fachada do estabelecimento comercial e seu papel na organização territorial. A fotografia 3 sugere uma discussão sobre as transformações da natureza e da sociedade e as diferentes formas de apropriação do espaço. A fotografia 4 reporta as potencialidades do lugar, destacando as questões relacionadas ao turismo.

As etapas seguintes podem se dar no sentido da ampliação dos conhecimentos, com atividades como construção de relatórios e/ou novos mapas mentais que permitam estabelecer reflexões sobre as diferenças e semelhanças em relação aos já construídos no início da proposta. Também é possível revisitar o mesmo local para realizar novas fotografias a serem analisadas a partir desses novos olhares. As fotografias indicam, assim, a apropriação de outros conceitos e de releituras daqueles espaços. Novos lugares são constituídos a partir das aprendizagens realizadas e das vivências produzidas neste processo.

Repensando o lugar nas práticas de trabalho de campo

Os trabalhos de campo constituem uma metodologia para leitura do espaço geográfico. Os sujeitos participantes precisam compreender o espaço a partir das lentes da geografia. Então, os conceitos requerem uma apropriação que considere os interesses e as necessidades desses sujeitos.

A análise do espaço geográfico pode ser realizada a partir de diferentes conceitos. A escolha do conceito de lugar aproxima o sujeito daquilo que lhe afeta, neste caso, suas vivências e experiências. Segundo Massey, o lugar é uma eventualidade, então é uma produção diferente para cada sujeito em dado tempo e espaço. Essas peculiaridades contribuem para que se aproveite a técnica fotográfica como instrumento de estudo geográfico. Além de lúdicas e interessantes, as fotografias refletem sentimentos, valores, conhecimentos prévios. Permitem examinar aspectos das representações que os sujeitos produzem dos lugares. Favorecem, assim, a apropriação de novos conceitos que ampliam a compreensão do espaço geográfico.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos.* 2.ed. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GOULART, L. B. e ANTUNES, M. F. *Metodologia de ensino de geografia*. Porto Alegre: Natural, 2013 (livro digital).

LACOSTE, Yves. *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SUERTEGARAY, D. M. A. "Pesquisa de campo em geografia". In: *Geographia* (UFF), Niterói, v. 7, p. 92-99, 2002.